

Sara Não Tem Nome

Durante a residência, a artista "Sara não tem nome" tem se dedicado, principalmente, à criação, produção e gravação do seu primeiro disco solo ainda em fase de finalização. Indagada sobre como pensa a transversalidade de linguagens que perpassam a sua produção, música, poesia, fotografia e vídeo, ela responde que não vê distinção entre eles, se não que naturalmente os entende como um grande campo no qual transita de maneira fluida e intuitiva. Uma letra de música pode ser sugerida por uma imagem, ou um poema pode resultar na criação de um vídeo, de uma performance e assim por diante. O seu imaginário é um grande baú onde experiências e memórias se articulam de maneira inusitada com as vivências cotidianas. O seu olhar aguçado sobre os intervalos de inconsistência lógica que passam despercebidos no dia a dia é o componente catalisador.

Sara já tem material para produzir pelo menos três álbuns temáticos. Um sobre canções de amor, outro chamado "Online Friends" sobre as relações das pessoas mediadas pela internet, e "ΩIII" (Ômega 3), o projeto sobre o qual se debruçou ao longo deste período. O álbum traz um conjunto de canções antigas e melancólicas onde a água é denominador comum mas que também tangência temas como a solidão e o caos na cidade grande. Ela ocupa o seu ateliê com uma instalação na qual manifesta o seu percurso a partir de referências, figurinos e objetos ready-made, incluindo o projeto gráfico do futuro disco, que associados livremente convidam o espectador a percorrer o labirinto de seus pensamentos. A faixa "Dias Difíceis" que faz parte do álbum, ecoa em loop no ambiente deixando latente a presença da artista, cujo timbre de voz espelha o seu universo soturno.

Numa das galerias do porão a artista cria uma instalação onde vemos um amplificador, um pedestal de microfone, um pedestal de guitarra e um banco, cenário em montagem de uma apresentação que nunca acontecerá. Assim como na peça 4'33" de John Cage, o gesto dramático segundo o qual nada acontece em termos musicais, nos leva a perceber o ambiente desde outra perspectiva, a que revela a impossibilidade do silêncio, e por contraste, ao estarmos num espaço para a fruição da arte, transforma a realidade, na sua configuração mais banal, num dispositivo estético.

Também durante o período, a artista desenvolveu uma investigação sobre a própria condição de residente. O projeto do Red Bull Station entende a infraestrutura oferecida aos artistas como espaço de reflexão e produção, mas não como moradia. De fato, nas atividades do dia a dia estes limites se confundem na medida que se estabelecem vínculos com o lugar e seus frequentadores. Na série de fotografias e no vídeo apresentados na galeria transitória a artista explora questões como: o que determina o fato de você morar num lugar, somente o fato de dormir no local? Porque se chama residência se não se pode residir? Quais são as negociações envolvidas com o espaço e com os outros? Como são recebidos os gestos que denotam apropriação num espaço concebido como transitório?

Fernando Velázquez